

2

“POR QUE SÓ MEU FILHO É ASSIM?”: NARRATIVAS DE MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS

▶ **Ana Alice Barros Moreno**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310113@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Ana Clara Cardoso de Paula Eler**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310146@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Celine Stella da Silva Souza**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310658@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Gabriele Cristina Pereira Gonçalves**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310732@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Márcio Rocha Damasceno**

Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Docente no Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
marciorocha@sempre.unifacig.edu.br

RESUMO

O artigo aborda a necessidade de uma nova perspectiva sobre as mães que não se encaixam nos padrões tradicionais estabelecidos pela sociedade. Historicamente, as mulheres foram vistas como cuidadoras submissas, e, mesmo com as transformações sociais, ainda enfrentam pressões para cumprir esse papel. Apesar das lutas por melhorias nas condições de vida e pelos direitos das mulheres, persiste a expectativa social de que elas assumam integralmente as responsabilidades domésticas e de cuidado, muitas vezes em detrimento de seus próprios desejos e projetos pessoais.

Mães solteiras, adotivas, em situação de prisão ou de rua enfrentam estigmas e preconceitos, além de não receberem a atenção social ou governamental necessária. Políticas públicas ineficazes intensificam essas dificuldades, expondo essas mães a problemas como ansiedade, depressão e a falta de tempo e recursos para investirem em seu próprio desenvolvimento.

O estudo propõe dar voz a essas mulheres para que possam compartilhar suas experiências, alegrias e desafios, trazendo à tona suas realidades invisibilizadas. Nesse contexto, destaca-se o papel dos psicólogos como parte essencial de uma rede de apoio, contribuindo para o acolhimento e a valorização dessas mães.

A justificativa para o estudo reside na escassez de pesquisas voltadas à realidade dessas mães, frequentemente rotuladas como "guerreiras milagrosas", enquanto seus desafios são minimizados ou ignorados pela sociedade. O objetivo do artigo é criar um espaço de discussão e compreensão sobre as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, bem como buscar formas de aprimorar a escuta psicológica e o apoio direcionado a elas.

Palavras-chave: Atípica; Desafios; Mães; Maternidade.

2

“WHY IS ONLY MY SON LIKE THIS?”: NARRATIVES OF ATYPICAL MOTHERS

ABSTRACT

The article explores the need for a new perspective on mothers who do not fit the traditional societal norms. Historically, women have been viewed as submissive caregivers, and despite social progress, they still face pressure to fulfill this role. Even with efforts to improve women's living conditions and rights, society continues to expect them to take on domestic and caregiving responsibilities, often disregarding their personal aspirations. Single mothers, adoptive mothers, and those in prison or homelessness face prejudice and receive little social or governmental attention. Ineffective public policies exacerbate their struggles, leading to challenges like anxiety, depression, and a lack of time for personal development. The study seeks to give these mothers a platform to share their experiences, joys, and challenges, emphasizing the role of psychologists as part of their support network. The rationale for the study lies in the lack of research on the realities these mothers face, as they are often labeled as heroic figures, with their struggles minimized or ignored by society. The goal of the article is to create a space for discussion and understanding of their circumstances and to improve psychological support tailored to them..

Keywords: Atypical; Challenges; Mothers; Motherhood.

1 INTRODUÇÃO

Faz-se necessário um novo olhar sobre as mães que não se enquadram nos padrões tradicionais estabelecidos pela sociedade. Durante muitos anos, "se o homem ocupava então o lugar central da família, a condição da esposa equiparava-se à da criança, ou seja, era de submissão à sua autoridade" (Moura; Araújo, 2004, p. 45). A mulher era vista como cuidadora, exclusiva à delicadeza e à maternidade, e, mesmo com as transformações sociais, ainda persiste essa cobrança (Leão et al., 2017). Carelli (2019) ressalta que, apesar das inúmeras lutas

sociais por melhorias nas condições de vida das mulheres, por direitos e pela evolução do conceito de gênero, a sociedade ainda impõe preceitos segundo os quais, pelo simples fato de terem nascido mulheres, elas devem se dedicar aos afazeres domésticos, aos filhos e aos companheiros, ignorando a possibilidade de que esse não seja o desejo delas. Nesse contexto, muitas se veem sem escolha, como se esse fosse seu destino final.

Para além dessas questões, destacam-se as mulheres que não se "enquadram" no modelo de normalidade delimitado pela sociedade. Mães solteiras, mães adotivas, mães em situação de prisão ou em situação de rua, entre outras, enfrentam preconceitos que as tornam invisíveis aos olhos da sociedade e das políticas públicas. Como apontam Dias, Berger e Lovisi (2020), na maioria dos casos, as mães são a principal rede de apoio de seus filhos, o que evidencia a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem a diversidade, promovendo a participação ativa de toda a comunidade.

Essas mulheres, frequentemente rotuladas como "atípicas", enfrentam um futuro incerto, convivendo com discriminações e desafios. Segundo Dias, Berger e Lovisi (2020), as políticas públicas permanecem ineficazes, seja diante do diagnóstico de uma deficiência em seus filhos, seja no caso de adoções ou outras situações que exigem adaptações significativas. Muitas dessas mães enfrentam dificuldades no trabalho, sofrem de ansiedade ou depressão e não encontram tempo ou recursos para investir em seu próprio progresso (Lima et al., 2023a).

Ainda de acordo com esses autores, mulheres que cuidam de crianças que demandam maior nível de suporte apresentam um aumento nos desafios supracitados. O preconceito, as adaptações constantes e a falta de apoio tornam suas rotinas significativamente mais difíceis. Muitas vezes, elas não recebem tratamento adequado para lidar com a exaustão que enfrentam. Focadas no bem-estar dos filhos, frequentemente ignoram suas próprias necessidades ou se resignam à situação, sem condições para buscar apoio (Nunes, 2021).

Ferazzo (2019) identifica essas mulheres como "mães atípicas", que vivem fora dos padrões idealizados pela sociedade, distantes das imagens romantizadas difundidas em comerciais ou associadas ao conceito de "maternidade comum".

Diante disso, é crucial compreender os aspectos que moldam a vida dessas mães e refletir sobre o impacto do termo "mãe atípica". O presente estudo busca criar um espaço para que essas mulheres possam narrar suas alegrias, dificuldades e vivências, destacando também o papel dos psicólogos como parte da rede de apoio que elas necessitam.

A justificativa para este estudo encontra respaldo em Lima et al. (2023a), que evidenciam a escassez de pesquisas sobre a realidade dessas mães. Muitas vezes, elas são rotuladas como "guerreiras milagrosas", convivendo com sentimentos de extrema pena ou indiferença, o que minimiza ou ignora seus desafios constantes, frequentemente tratados como "fardos". A sociedade espera que essas mulheres sejam infalíveis: que tenham pulso firme, cuidem de tudo e de todos, e não cometam erros — uma expectativa impossível para qualquer ser humano.

O objetivo deste artigo é descrever as histórias de vida dessas mulheres, promovendo um es-

paço de discussão e compreensão acerca de suas realidades. O estudo visa contribuir para o desenvolvimento de melhorias na escuta psicológica direcionada a essas mães, ampliando o olhar sobre suas vivências e necessidades.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para viabilizar o alcance do objetivo geral, optou-se por realizar uma pesquisa descritiva. Segundo Gil (2002), pesquisas descritivas são aquelas cujo principal objetivo é descrever características de uma determinada população ou fenômeno, ou ainda estabelecer relações entre variáveis.

Quanto à técnica utilizada, o estudo foi conduzido por meio de um survey, definido por Prodanov e Freitas (2013) como um tipo de pesquisa que envolve a interrogação direta de pessoas cujo comportamento ou opinião se deseja estudar. Esse método foi escolhido devido ao interesse do artigo em compreender as perspectivas das cuidadoras de filhos atípicos.

Para a realização do estudo, foram selecionadas mães consideradas "atípicas". O termo é melhor explicado a partir das definições do Michaelis (2024): maternidade é descrita como o "estado ou qualidade de mãe", enquanto atípico é definido como "que se afasta do que é típico, comum". Portanto, a maternidade atípica refere-se à condição de mães que não se encaixam no padrão esperado pela sociedade. Neste caso, o foco recai sobre mães de crianças com deficiência.

As cuidadoras entrevistadas eram mães de filhos vinculados à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de um município da Zona da Mata Mineira. Segundo Lehmkuhl (2018), há um número reduzido de estudos relacionados a instituições privado-filantrópicas como as APAEs, o que torna relevante a escolha dessas participantes, conferindo maior visibilidade à realidade dessas mães.

O método adotado para a coleta de dados foi o de História de Vida, que, conforme Silva *et al.* (2007), tem como principal objetivo fortalecer o vínculo entre o pesquisador e o participante (o entrevistado). A aplicação desse método consiste em uma entrevista estruturada a partir de uma única pergunta inicial, que incentiva o entrevistado a narrar livremente sua vivência.

As participantes foram selecionadas por conveniência e acessibilidade, permitindo que as mães escolhessem livremente se desejavam ou não compartilhar suas histórias. De acordo com Maroti *et al.* (2008), a amostra por conveniência consiste na seleção de elementos aos quais os pesquisadores têm acesso, assumindo-se que essa amostra é representativa da população estudada.

Os dados coletados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016). Prodanov e Freitas (2013) destacam que a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo contato direto do pesquisador com o objeto de estudo e com o ambiente no qual ele está inserido. Essa abordagem é valorizada por sua ênfase na interpretação de fenômenos, sem a utilização de dados numéricos ou a preocupação com a comprovação de hipóteses previamente formuladas.

3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram coletados em uma sala reservada para as mães na APAE. Durante o processo, observou-se que elas não podiam deixar os filhos sozinhos, seja devido à falta de monitores no transporte, à insegurança ou ao alto nível de suporte exigido pelas crianças. Das oito mães presentes, seis aceitaram participar da pesquisa. Cada uma foi ouvida individualmente. Inicialmente, houve certa timidez, mas Joana, ao iniciar seu relato, encorajou as demais mães a compartilharem suas histórias. Todos os nomes foram trocados, sendo essa a única alteração feita.

A pergunta chave era: “Como foi sua história com seu (sua) filho(a)?” Também havia a abertura para falarem dos próprios sentimentos e gastarem o tempo que achassem necessário. Todas iniciaram suas narrativas falando sobre a gestação, tanto por sugestões feitas por uma professora da APAE, que estava presente, quanto por ser considerada como o início da jornada, já que a temática era a história com seu(sua) filho(a). Também é importante considerar que todos os nomes foram preservados e utilizados nomes fictícios para cada relato..

3.1 O LUTO DO FILHO PERFEITO

Segundo Batista e França (2007), a ideia de um "filho perfeito" já existe antes mesmo do nascimento, sendo fruto da idealização materna de ter a criança em seus braços. Contudo, no caso da descoberta de uma deficiência, essa expectativa é frequentemente seguida por um evento traumático, geralmente marcado por dúvidas e confusão. Para Alves (2012), esse momento pode ser comparado a um luto, pois o filho idealizado difere daquele que é real. Nas falas das mães, observou-se que o foco estava majoritariamente nos filhos, enquanto falavam muito pouco sobre si mesmas.

Ângela, mãe de Daniel — que, durante a pesquisa, estava prestes a completar treze anos e convivia com paralisia cerebral (PC), transtorno do espectro autista (TEA) e epilepsia — compartilhou um exemplo do processo de idealização. Ela comentou: "Pensava como que eu ia cuidar de uma criança normal, mas né, eu vou ser mãe. Mas como eu vou ser? Teve uma criança especial e, graças ao bom Deus, eu sei lidar com ele muito bem, né?"

Márcia, mãe de Pedro, um menino de três anos, também expressou essa ideia de idealização, afirmando: "E como que eu falo? Tá sendo muito bom, tá sendo muito bom. Nunca passou pela minha cabeça que eu seria, né, mãe de uma criança especial, e nunca passou pela minha cabeça também que eu poderia ter a força que eu tenho hoje para poder cuidar do meu filho."

Embora algumas mães não estivessem familiarizadas com o conceito de "luto" relacionado à maternidade e mostrassem certo constrangimento ao se abrir, sinais dessa dor surgiram durante as conversas, especialmente após a pergunta-chave. Ficou evidente que o zelo pelos filhos ocupa sempre o primeiro plano, enquanto falar sobre si mesmas ou cuidar de suas próprias necessidades emocionais e físicas é algo difícil para elas.

Nunes (2021) destaca essa problemática, apontando que, em muitos casos, as mães não encontram redes de apoio suficientes ou condições para cuidar de sua saúde emocional e física, perpetuando um ciclo de sobrecarga e negligência de si mesmas.

3.2 O DIAGNÓSTICO

“A“Aí eu comecei a fazer faxina. E a minha patroa tem um casal de gêmeos, aí ela falou assim: 'Por que você não leva numa fonoaudióloga? Porque lá talvez ela te ajude com a questão da fala dele.'”

Essa foi a experiência que levou Camila a encontrar o caminho para o diagnóstico de seu filho Diego, de três anos. Em geral, as mães passaram por muitos encaminhamentos médicos, mas não tinham informações suficientes para entender o que fazia seus filhos diferentes das outras crianças. Assim como mencionado por Resende, Nóbrega e Moreira (2014), pacientes com deficiência que utilizaram os serviços de saúde não se sentiram acolhidos pelos profissionais. Eles apontam que os trabalhadores da área não possuíam informação suficiente acerca de suas condições de saúde. Isso demonstra a falta de preparo profissional tanto para o diagnóstico quanto para o tratamento de pessoas com deficiência. Camila destacou sua procura por conhecimento no consultório do pediatra.

Dandara, mãe de Júlia, também demonstrou ter recebido informações escassas por parte dos profissionais:

Só que aí, quando chegou um ano e pouco, ela não desenvolveu assim tanto como as outras crianças, ela andou no tempo normal um ano e três meses falou mais ou menos com um ano e três meses. Aí ela foi, até levei no pediatra, pediatra falou que era normal. Aí sempre levava eles falavam que tava normal. Aí quando foi um dia e levei ela no ortopedista, ele encaminhou para neurologista aí o neurologista encaminhou para Belo Horizonte pra um geneticista, aí ela já tinha 5 anos aí lá foi fazendo exames, muitos exames não descobria nada que ela tinha.

Júlia tem dezoito anos e uma síndrome rara que compromete seus movimentos e capacidade motora em razão do encurtamento dos membros inferiores. Alves (2012) e Ferazzo (2019) relatam a falta de profissionais informados e sensíveis, destacando que diagnósticos e tratamentos devem ser humanizados e não se limitar a uma simples distribuição de informações entregues de maneira indiferente.

3.3 A FAMÍLIA E O PRECONCEITO

“E por incrível que pareça, meu filho não sofreu preconceito das pessoas de fora, que eu imaginei que poderia sofrer. Pedro sofreu preconceito com pessoas da família, entendeu? E doeu, doeu, não foi fácil [...]”. Espera-se que a família seja um porto seguro, que abraça as dores e frustrações. Entretanto, como na fala de Márcia, o preconceito pode partir desse mesmo grupo, tornando-se uma situação dolorosa de se vivenciar. Comparações foram citadas pelas mães, como no caso de Ângela: “[...] preconceito ele sempre sofre, né? Dentro da família mesmo, minha irmã (dizia): 'Ah, meu filho com essa idade saiu da fralda, minha filha nessa idade já tá comendo sozinha'. Fica com comparação, né?”

Além disso, há críticas direcionadas às mães, como se estas não soubessem educar seus filhos ou estivessem fazendo pouco esforço. Dalva, mãe de Aurora, uma menina de doze anos, comparti-

lhou: “Ela não ficava sentada sozinha e só ficava deitada. Algumas pessoas até questionavam que eu era muito protetora, que não deixava ela engatinhar, não deixava andar, mas não. É porque ela não conseguiu engatinhar”.

O engatinhar, mesmo sendo uma fase importante, não é vital para a criança. De acordo com Pappalia, Olds e Feldman (2013, p. 156), “alguns bebês passam diretamente do sentar-se para o andar, sem engatinhar”. Os mesmos autores falam sobre os períodos em que cada fase do desenvolvimento do bebê ocorre, mas confirmam que cada criança é diferente das outras. Aurora foi diagnosticada com retardo mental, autismo e esquizofrenia. A mãe ainda contou: “Os parentes dela, alguns questionaram, falaram que era bobeira, que eu tinha que forçar ela a ficar em público, forçar ela a ir para os lugares públicos, porque aquilo era frescura. Mas aí veio o retardo mental, né?”.

Joana, mãe de Gustavo, que tem autismo no nível três de suporte, abordou a crença popular em vários pontos:

E ali o meu próprio esposo no início não aceitou por conta de ser o primeiro filho dele, ele tinha aquele pouco de preconceito do filho estudar na APAE e ali foi aquela trajetória mais difícil para mim porque a família não me apoiou. Nem minha mãe, nem meu pai. Ninguém me apoiou por conta do meu filho ser autista. [...] mas só que eles acham que a deficiência dele vai pegar em outra pessoa, mas não vai pegar porque é um autismo não é uma não é uma doença que transmite [...].

3.4 ESPIRITUALIDADE

“Tem hora que dá vontade de chorar, dá vontade de desligar um pouco, falar: 'Meu Deus... me ajuda', mas Deus dá força para a gente não desistir e a gente vence [...]”. A frase dita por Márcia reflete o sentimento de diversas mães atípicas espalhadas pelo mundo. De acordo com Lima *et al.* (2023b), durante a maternidade de pessoas com necessidades especiais, a espiritualidade surge como algo extremamente valioso, sendo capaz de oferecer conforto, segurança e um sentido de propósito a essas mães. Ainda segundo os autores, a espiritualidade pode fornecer um ponto de apoio e um espaço seguro para as cuidadoras.

Durante a entrevista com Ângela, que é mãe do Daniel, frases como “[...] com Deus vai vencendo e a gente aprende muita coisa com eles também, né? [...]” foram repetidas ao longo de toda a conversa. Em oito minutos de entrevista, a palavra “Deus” foi mencionada quinze vezes, como se fosse uma constante prece. Esse padrão se repetiu nas entrevistas com todas as mães, mostrando que a crença e a religiosidade são extremamente presentes e importantes em suas vidas.

O padrão de citações, agradecimentos e “desabafos” a Deus foi recorrente em todas as entrevistas, corroborando o estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que aponta que mais de 89% da população brasileira declara ter uma religião (IBGE, 2010). Para Stroppa e Moreira-Almeida (2008), a religiosidade pode proporcionar ao indivíduo maior aceitação, firmeza e resiliência diante de situações complicadas na vida. Além disso, ela promove paz, autoconfiança, perdão e uma imagem positiva de si mesmo.

O autor também alerta que a religiosidade pode, em alguns casos, trazer culpa, dúvida, ansiedade e depressão devido ao aumento das críticas a si mesmo. No entanto, essas situações não foram observadas entre as mães entrevistadas. Para elas, a religiosidade se traduz em um ponto de apoio, uma espécie de conforto em meio a situações difíceis.

3.5 SOBRE O TERMO ATÍPICO

É comum assistir a histórias de mães e crianças especiais na televisão, mas poucos se atentam aos discursos capacitistas que permeiam essas narrativas. Segundo Ferazzo (2019, p. 34), “é relevante ressaltar que capacitismo é o termo para descrever a discriminação, opressão e abuso advindos da ideia de que pessoas com deficiência são inferiores às sem deficiência”. A autora aponta exemplos como o uso da palavra “cego” para se referir aos que não enxergam, a ideia de que uma criança com necessidades especiais pode prejudicar o rendimento de uma turma considerada normal ou até mesmo o simples uso de voz infantilizada ao lidar com essas pessoas.

No entanto, as mães não demonstraram desconforto em serem chamadas de mães atípicas. Além disso, expressaram satisfação em estarem aprendendo a lidar com seus filhos e evidenciaram a busca constante por mais conhecimento. Segundo Camila:

[...] E tá sendo muito bom para ele e para mim também, né? Tendo outras mães aqui como eu tá me ajudando bastante porque é um mundo totalmente diferente para gente né que a gente descobriu que é mãe de uma criança autista, a gente descobriu o mundo novo, né? Todo dia com o aprendizado dele a gente aprende junto também.

Márcia também comentou sobre:

[...] e para a gente que é mãe ver um filho se desenvolvendo se interagindo com outras crianças é gratificante. Porque até então eu não sabia do assunto, não conhecia o assunto, não ouvia tanto falar e a partir do momento que a gente como mãe descobre que o filho tem né, ou é autista ou tem alguma síndrome a gente se esforça para poder aprender sobre o assunto para poder lidar com as crianças [...].

3.6 SUPORTE

Como já observado nos relatos, as dificuldades vêm acompanhadas da responsabilidade de criar um filho, especialmente quando este necessita de auxílio para viver. Smeha e Cezar (2011) destacam que as trajetórias de vida dessas mães não podem ser percorridas de forma solitária; elas precisam de apoio, seja de instituições ou de outras pessoas.

Considera-se, portanto, que essas mães buscam o que for necessário para que seus filhos tenham uma vida digna. Nesse sentido, a fala de Ângela ilustra como o suporte de uma associação pode ajudar nos momentos de dificuldade com os próprios sentimentos:

[...] tem dia que a gente tá nervosa sem paciência com eles também, né? E não tem jeito. É uma falta. Tem dia que a gente tá meio assim, né? Cansa também, né, com as lutas do dia a dia, né, mas com Deus vai vencendo a cada dia, né? A gente aprende a lidar aqui na APAE eles ensina a gente como lidar com eles também, né? Porque a gente tem dia que fica meio perdido, né [...].

Minetto *et al.* (2012) discutem que os cuidadores de crianças com desenvolvimento atípico necessitam de redes de apoio específicas e eficazes para reduzir o estresse, sendo crucial a expansão da rede institucional de apoio para fortalecer as famílias. Embora essa assistência seja responsabilidade do Estado, ela também pode ser proporcionada por associações e organizações não governamentais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, teve-se a oportunidade de adentrar o universo dessas mães, objeto da pesquisa, conhecendo de forma mais profunda suas alegrias, tristezas, dificuldades e preocupações. Compreende-se que o principal desafio dessas mães é a falta de representação, pois, na maioria das vezes, suas vozes não são ouvidas. Dessa forma, percebe-se que o problema maior ainda não foi totalmente resolvido, já que há um longo caminho a ser percorrido.

Durante as entrevistas, muitas mães relataram explicitamente suas angústias em relação à realidade vivida na condição de mães atípicas. A partir dos achados, torna-se evidente que os profissionais da Psicologia precisam entender e validar as vivências dessas mães. Assim, é possível concluir que o estudo atingiu seu objetivo, ao abordar os principais sentimentos das cuidadoras e chamar a atenção dos estudiosos e profissionais da área para a necessidade de cuidado que essas mulheres requerem.

O método qualitativo utilizado foi essencial para a elaboração do artigo, pois uma das principais características dessa técnica é o contato mais próximo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. As respostas obtidas por meio desse método foram extremamente relevantes para a construção do estudo.

Ao longo do trabalho, constatou-se que, como previsto na hipótese inicial, as mães atípicas, ao serem ouvidas, destacam a importância de receber cuidados especiais por parte de profissionais da saúde, incluindo psicólogos, dando voz ao silêncio que carregam diante das singularidades de cada uma. Portanto, é necessário olhar mais de perto para essa situação, criando condições para compreender os desafios enfrentados cotidianamente por essas mães, de modo que o suporte necessário as alcance. Isso deve ser feito dentro de uma perspectiva de uma clínica ampliada, na qual o acolhimento e o cuidado sejam elementos centrais.

REFERÊNCIAS

Alves, E. G. R. A morte do filho imaginado. **O Mundo da Saúde**, 36(1), 90-97, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/35669>>. Acesso em 24 nov. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, S. M.; FRANÇA, R. M. de. Família de pessoas com deficiência: desafios e superação. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 10, p. 117-121, 2007.

CARELLI, J. H. **O desejo feminino de não maternidade**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4969>. Acesso em 24 nov. 2023.

DIAS, F. M.; BERGER, S. M. D.; LOVISI, G. M. Mulheres guerreiras e mães especiais? Reflexões sobre gênero, cuidado e maternidades no contexto pós-epidemia de zika no Brasil. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/HrhtFfSfvdCbyQdzwjnPzwy/>>. Acesso em 25 nov. 2023.

FERAZZO, F. P. **“Mas que problema tu tem?”**: narrativas de mães de crianças e adolescentes com deficiência. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206667>. Acesso em 24 nov. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>>. Acesso em 22 nov. 2023.

LEÃO, F. *et al.* Reflexões teóricas sobre maternidade e adoção no contexto da monoparentalidade feminina. **Pensando família** [online], v.21, n.2, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200005>. Acesso em 20 nov. 2023.

LEHMKUHL, M. S. **A reconfiguração da federação nacional das APAES (FENAPAES) no estabelecimento da relação entre público e privado nas políticas de educação especial** (1974/2016). 2018. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/21158/2/Márcia%20de%20Souza%20Lehmkuhl.pdf>> Acesso em 25 nov. 2023.

LIMA, M. M. S. *et al.* Vivenciando a maternidade atípica: uma reflexão pelas lentes de Merleau-Ponty. **Revista Enfermagem Atual**, v. 97, n. 2. 2023a. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1877>>. Acesso em 25 nov. 2023.

LIMA, M. M. S. *et al.* A espiritualidade na maternidade atípica: uma reflexão com base no referencial teórico de Victor Frankl. **Revista PRÓ-UNIVERSUS**, v.1, n.1, p.106-110, 2023b. DOI: 10.21727/rpu.14i2Especial.3859. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372926132_Espiritualidade_na_Maternidade_Atipica_Uma_Reflexao_com_Base_no_Referencial_Teorico_de_Victor_Frankl> Acesso em 01 dez. 2023.

MAROTTI, J. *et al.* Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo** [online], v.1, n.1, p.186-194, 2008. Acesso em: <https://www.researchgate.net/publication/285800533_Amostragem_em_pesquisa_clinica_Tamanho_da_amostra> Acesso em 30 nov. 2023.

MATERNIDADE. In: **Michaelis**: dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <<https://www.melhoramentos.com.br/editora/>>. Acesso em 30 nov. 2023.

MINETTO, M. de F. J. *et al.* **Práticas educativas parentais, crenças parentais, estresse parental e funcionamento familiar de pais de crianças com desenvolvimento típico e atípico.** 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94159>>. Acesso em 30 nov. 2023.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão** [online], v.24, n.1, p.44-55, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35w-jck8XzbyhMWNhrzG/#>>. Acesso em 30 nov. 2023.

NUNES, V. N. **“Ter filho autista é se readaptar”**: narrativas de mulheres-mães em meio a uma pandemia. 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/242606>>. Acesso em 24 nov. 2023.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 10 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2 ed. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

RESENDE, A. C.; NOBREGA, S.; MOREIRA, T. Experiências de Pessoas com Deficiência nos Serviços de Saúde: Contribuição para a Formação Profissional. **Blucher Medical Proceedings**, v.1, n.2, p. 61, 2014. DOI 10.5151/me-dpro-cihhs-10308. Disponível em: <<https://pdf.blucher.com.br/medicalproceedings/cihhs/10308.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2023.

SILVA, A. P. *et al.* “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico estudos em psicologia** [online], v.1, n.1, p.25-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224/3816>. Acesso em 10 nov. 2023.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em estudo** [online], v.16, n.1, p.43-50, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqWpK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 10 nov. 2023.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Religiosidade e Saúde. **Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina** [online], v.1, n.1, p.427-443, 2008. Disponível em: <https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOREIRA-ALMEIDA_Alexander_et_STROPPA_Andre_tit_Religiosidade_e_Saude.pdf>. Acesso em 10 nov. 2023.